



“Niño, mientras gigante en el daño!”



Ariovaldo Zani,
CEO do Sindirações

A possibilidade de ocorrência de um El Niño de forte intensidade coloca em alerta a agropecuária e a indústria brasileira de alimentação animal, já que seus efeitos podem começar com alterações no regime de chuvas e temperaturas, mas tendem a percorrer toda a cadeia produtiva, alcançando a oferta e a qualidade das matérias-primas, o desempenho dos animais, a logística, os custos industriais e a competitividade.

Caracterizado pelo aquecimento anormal das

águas superficiais do Oceano Pacífico Equatorial, o fenômeno costuma estar associado a estiagens no Norte e Nordeste, chuvas excessivas no Sul e calor intenso no Centro-Oeste e Sudeste, muito embora, a intensidade, a duração e a distribuição regional dessas ocorrências determinarão o alcance dos impactos sobre lavouras, pastagens, disponibilidade de água e infraestrutura.

Milho, sorgo, soja, farelo de soja e trigo e arroz, além de farinhas, gorduras e outros coprodutos de origem animal, estão entre os ingredientes potencialmente

mais expostos porque as chuvas irregulares podem comprometer o calendário agrícola e reduzir a produtividade. O excesso de umidade atrasa a colheita, amplia a necessidade de secagem e favorece o desenvolvimento de fungos e micotoxinas, enquanto que as áreas atingidas pela estiagem, tem sua disponibilidade de água comprometida e o potencial produtivo das lavouras diminuído.

É importante ressaltar que os efeitos transcendem as fronteiras do campo, alcançando a fabricação de alimentos para animais que >

emprega energia em processos como moagem, mistura, extrusão, secagem, refrigeração, climatização, embalagem e armazenagem, já que a eventual combinação de matérias-primas mais caras, maior necessidade de processamento e aumento dos custos energéticos tende pressionar a produção de rações, suplementos, concentrados, premixes e alimentos para animais de companhia.

O hipotético cenário de escassez ou forte elevação dos preços, estabelece a substituição da composição básica por insumos alternativos, contudo, a preservação do equilíbrio nutricional, da digestibilidade, a segurança, da estabilidade, da palatabilidade e do desempenho esperado são mandatórios, a fim de assegurar a qualidade da alimentação e a saúde dos animais.

Na pecuária extensiva, por exemplo, uma estação chuvosa tardia ou irregular reduz a rebrota da forragem e a capacidade de suporte das propriedades, sendo que a menor disponibilidade de alimento desacelera o ganho de peso, prolonga o ciclo produtivo e aumenta a necessidade de suplementação mineral, inclusive a perda de condição corporal provoca menor eficiência produtiva das fêmeas e, conseqüentemente, diminui a geração de bezerras. No caso das vacas leiteiras, o forte calor reduz o consumo e direciona parte da energia dos animais para a manutenção da temperatura corporal, com possíveis perdas na produção e nos índices reprodutivos. Além disso, as rações e os concentrados também podem ficar mais caros por causa das pastagens e silagem prejudicadas, afora, problemas de casco, mastite e dificuldades de transporte por causa das chuvas persistentes.

Por sua vez, as cadeias produtivas dos não ruminantes tendem sofrer mais rapidamente com a elevação do custo da alimentação porque são bastante dependentes de milho e farelo de soja. Os frangos apresentam consumo reduzido na tentativa de limitar a produção de calor corporal, fenômeno que compromete o ganho de peso, a conversão e, em condições severas, pode levar até a morte, enquanto que na produção de ovos, podem ocorrer perdas de quantidade, peso e qualidade. Os suínos também reduzem a ingestão, tem o crescimento retardado, piora no aproveitamento dos nutrientes (e fertilidade, produção de leite e desempenho das leitegadas no caso das matrizes), quando submetidos às ondas de calor.

Na aquicultura, a intensidade desse evento climático natural pode combinar redução da disponibilidade hídrica, aumento da temperatura da água e queda do oxigênio dissolvido, prejudicando o consumo de ração, o crescimento, a conversão alimentar e a saúde dos peixes, com risco de mortalidade em situações extremas, além da diminuição do nível dos reservatórios também reduzir a renovação da água e limitar a capacidade dos cultivos em tanques-rede. Ao contrário, as chuvas excessivas podem provocar transbordamentos, entrada de sedimentos, alterações na qualidade da água, além do maior gasto com aeração e bombeamento e as dificuldades no transporte dos insumos (pós-larvas, alevinos, rações, etc.) e pescado.

Cabe frisar que a disputa por milho, soja e seus derivados tem acirrado cada vez mais, por conta da concorrência simultânea travada pela alimentação animal e humana, pelos biocom-

bustíveis e as exportações. Os impactos dos eventos climáticos severos acabam por modular também o custo e a disponibilidade das farinhas e gorduras oriundas do processamento dos animais supramencionados, ou seja, as rações e os concentrados sofrem a influência, tanto da valorização dos grãos, quanto das mudanças nas cadeias fornecedoras de proteína animal.

As chuvas intensas costumam danificar rodovias, interromper acessos e afetar portos e unidades industriais, enquanto a estiagem tende reduzir o nível de rios e reservatórios, encarecer a energia e dificultar o transporte hidroviário. Resumidamente, os atrasos na chegada dos insumos ou na entrega dos produtos elevam custos, reduzem a eficiência e ampliam a necessidade de estoques de segurança, caracterizando a logística como outra fonte de risco.

Mais do que reagir a um episódio específico, empresas e produtores precisarão incorporar a variabilidade climática ao planejamento permanente, a saber, a diversificação regional de fornecedores, o planejamento antecipado das compras e os contratos de médio e longo prazo, a formação criteriosa de estoques e os mecanismos de proteção contra oscilações de commodities e câmbio, já que informação, tecnologia, modelagem nutricional das formulações e gestão de riscos serão decisivas para preservar a produtividade, a segurança das rações, concentrados e suplementos, o abastecimento e a competitividade.

ARIOVALDO ZANI,
CEO do Sindirações

Primeiro trimestre confirma perspectivas positivas

AVANÇO DAS CADEIAS PECUÁRIAS PROJETA IMPULSO A PRODUÇÃO BRASILEIRA DE RAÇÕES EM 2026

Durante o primeiro trimestre, a indústria brasileira de alimentação animal produziu 22,6 milhões de toneladas de rações, crescimento de 5,4% em relação ao mesmo período de 2025. Para o conjunto de 2026, a expectativa é superar 98 milhões de toneladas, avanço de 4,5% sobre o volume apurado no exercício anterior.

A avicultura de corte demandou aproximadamente 10 milhões de toneladas de rações até março. O desempenho foi sustentado pelo crescimento da produção, do consumo interno e das exportações, após as turbulências sanitárias enfrentadas no ano anterior. Dados do IBGE indicam que o abate de frangos cresceu 3,6% no primeiro trimestre de 2026, na comparação anual, enquanto o peso acumulado das carcaças avançou mais de 7%. As projeções da Associação Brasileira de Proteína Animal/ABPA apontam que a produção brasileira de carne de frango pode alcançar 16,1 milhões de toneladas em 2026, ante 15,3 milhões em 2025. Após as exportações recordes de 5,3 milhões de toneladas no ano passado, os embarques mantiveram trajetória positiva e alcançaram novo recorde no primeiro semestre de 2026. A previsão é contabilizar 39,8 milhões de toneladas de rações para frangos de corte até o final deste ano.

No segmento de postura comercial, dados do IBGE apontam que a produção brasileira alcançou 1,21 bilhão de dúzias de ovos no primeiro trimestre de 2026, aumento de 0,4% em relação ao mesmo período de 2025. A demanda acumulada por rações somou 1,8 milhão de toneladas de janeiro a março, refletindo a expansão estrutural do consumo doméstico dessa proteína e o fortalecimento das exportações. A perspectiva é alcançar aproximadamente 7,7 milhões de toneladas de rações para poedeiras até o final deste ano.

A suinocultura, por sua vez, demandou 5,5 milhões de toneladas de rações no primeiro trimestre. Segundo o IBGE, foram abatidas 15,3 milhões de cabeças entre janeiro e março de 2026, crescimento de aproximadamente 5,5% em relação ao mesmo período do ano anterior, além do peso acumulado das carcaças que também avançou. Paralelamente, as exportações mantiveram desempenho histórico no primeiro semestre, ajudando a absorver a maior disponibilidade de carne e a conferir sustentação às cotações. A expectativa é contabilizar aproximadamente 23,6 milhões de toneladas de rações para suínos até o final do ano.

Na pecuária leiteira, a aquisição de leite cru pelos estabelecimentos sob inspeção sanitária

alcançou 6,8 bilhões de litros no primeiro trimestre de 2026, crescimento de 3,3% em comparação com o mesmo período de 2025. O resultado foi favorecido pela maior oferta de matéria seca, pelos investimentos em produtividade e pela intensificação tecnológica dos sistemas de produção. O setor, contudo, continua passando por reestruturação e concentração em propriedades de maior escala e eficiência. O aumento da oferta ocorre em ambiente de consumo doméstico pouco dinâmico e de persistente concorrência dos produtos lácteos importados, fatores que pressionam a remuneração dos produtores. Estima-se que tenham sido produzidas 2 milhões de toneladas de rações para bovinos leiteiros até março, enquanto a previsão para 2026 é alcançar 7,9 milhões de toneladas.

Na bovinocultura de corte, o IBGE contabilizou o abate de 10,3 milhões de cabeças no primeiro trimestre de 2026, crescimento de mais de 3% em relação ao mesmo intervalo de 2025. A produção de rações para o segmento somou aproximadamente 1,28 milhão de toneladas até março. Apesar da elevada oferta de animais e de carne bovina, o forte fluxo exportador contribuiu para equilibrar a disponibilidade doméstica e sustentar os preços. Segundo o CEPEA, a atividade de confinamento permanece economicamente viável, favorecida pela relação entre o valor esperado da arroba e os custos de aquisição do boi magro e da alimentação. As projeções para os abates de outubro indicam rentabilidade positiva nas praças analisadas, com destaque para Mato Grosso e Rio Grande do Sul. A expectativa é superar 8,2 milhões de toneladas de rações para bovinos de corte até o final do ano. ➤

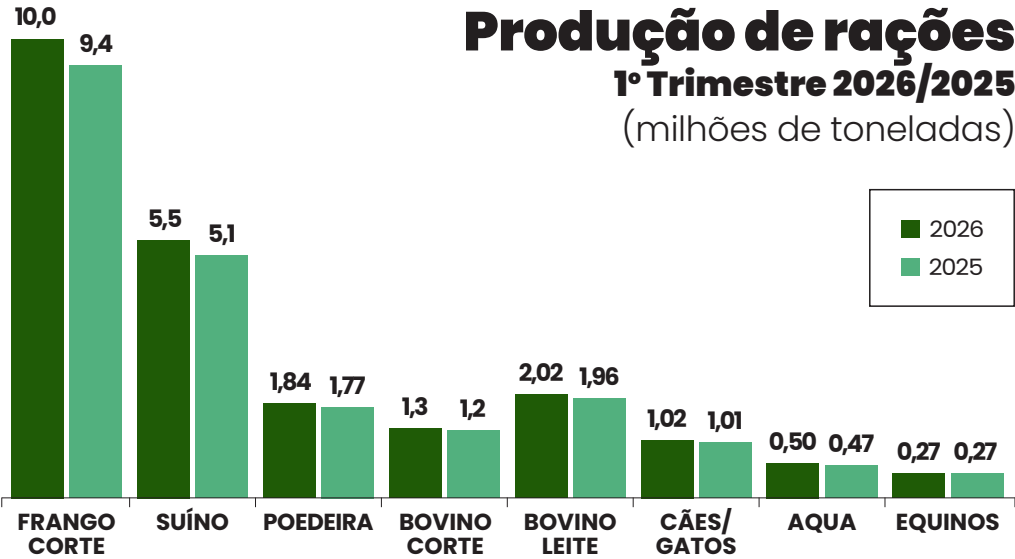
A aquicultura demandou aproximadamente 500 mil toneladas de rações entre janeiro e março. Depois das dificuldades enfrentadas em 2025, a piscicultura industrial iniciou 2026 em ambiente de maior previsibilidade, embora permaneçam desafios relacionados à concorrência dos pescados importados, aos custos produtivos, à segurança jurídica e à regulamentação das espécies exóticas. Em julho de 2026, os principais produtos de tilápia brasileira destinados ao mercado norte-americano foram mantidos fora da sobretaxa adicional de 25% prevista na Seção 301, decisão que reduziu a incerteza comercial e melhorou as perspectivas para as exportações. Na carcinicultura, a expansão continua apoiada no estabelecimento de grandes fazendas, na automação da alimentação, na melhoria da aeração e do conforto ambiental e na adoção de densidades mais adequadas, combinação que favorece o crescimento, a sobrevivência e a produtividade por área. A expectativa é alcançar aproximadamente 1,97 milhão de toneladas de rações para aquicultura em 2026.

De janeiro a março, cães e gatos consumiram pouco mais de 1 milhão de toneladas de alimen-

tos industrializados, enquanto até dezembro, a demanda deverá alcançar aproximadamente 4,15 milhões de toneladas. A indústria brasileira de pet food encerrou 2025 com faturamento de R\$ 41,4 bilhões, equivalente a 53% de todo o mercado pet nacional, segundo a Associação Brasileira das Empresas do Setor de Animais de Estimação/ ABEMPET, muito embora tributação elevada, câmbio e desaceleração do consumo continuam limitando o potencial de expansão do setor.

A cadeia brasileira de proteína animal mantém elevado grau de resiliência sistêmica, sustentada pelos ganhos de eficiência zootécnica, pela padronização nutricional e pelo avanço das tecnologias de produção. Apesar das turbulências sanitárias, das medidas tarifárias e das barreiras comerciais impostas por alguns mercados, o parque industrial brasileiro preserva competitividade exportadora, capacidade de adaptação e robustez operacional.

A consolidação da nutrição de precisão e dos sistemas intensivos de produção amplia a previsibilidade técnica, favorece a eficiência econômica e reforça a posição estratégica do Brasil no mercado mundial de proteínas animais.



Produção de rações (milhões de toneladas)

SEGMENTO	2024	2025*	%	2026**	%
AVES	44,1	45,3	2,7	47,5	4,8
FRANGOS CORTE	36,9	37,9	2,5	39,8	5,0
POEDEIRAS	7,18	7,43	3,5	7,73	4,0
SUÍNOS	21,6	22,5	4,0	23,6	5,0
BOVINOS	14,3	15,4	7,7	16,1	4,3
LEITE	7,1	7,7	7,9	7,9	2,5
CORTE	7,2	7,8	7,5	8,23	6,0
CÃES E GATOS	4,01	4,04	0,8	4,15	2,5
EQUINOS	1,00	1,01	1,0	1,009	0,0
AQUACULTURA	1,79	1,89	5,3	1,97	4,2
PEIXES	1,57	1,64	4,7	1,71	4,3
CAMARÕES	0,227	0,249	9,7	0,258	3,5
OUTROS	0,625	0,631	1,0	0,631	0,0
TOTAL RAÇÕES	87,5	90,8	3,8	94,9	4,6
SAL MINERAL	3,61	3,42	-5,1	3,51	2,5
TOTAL GERAL	91,1	94,2	3,4	98,4	4,5

*Estimativa; **Previsão Fonte: Sindirações



Empresas Associadas

